

A MICARETA DE FEIRA DE SANTANA: SUAS ORIGENS E A CONSTRUÇÃO DE UM SENTIDO IDENTITÁRIO

Miranice Moreira da Silva

Graduanda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

E-mail: miranice@terra.com.br

Palavras-chave: Festa. Micareta. Identidade. Feira de Santana.

Introdução

O texto a seguir discute quais os interesses e conflitos estavam envolvidos em torno da Micareta de Feira de Santana, no que tange a sua organização e os significados embutidos na festa para com isso perceber as estruturas das relações na cidade, na construção de uma identidade coletiva.

A escolha do nome da festa Micareta é um dos tópicos que discuto nesse artigo que funciona como um caminho para percebermos quais as sugestões e qual o teor político cada uma delas apresentavam. Além disso, a representatividade da festa na construção da sociedade feirense, pois o discurso que se desenvolve na construção da festa, sobretudo pelo jornal *Folha do Norte*. E também a questão do patrocínio da festa carnavalesca, tanto do Carnaval quanto da Micareta. Apesar de focar na Micareta, a relação com o Carnaval é uma permanência, pois aqui elas não representam festas antagônicas e sim complementares, pois a Micareta surge justamente para complementar os festejos carnavalescos do ano de 1937, em Feira de Santana.

Trabalhei essencialmente com o jornal *Folha do Norte*, e sua utilização ganha uma relevância maior, pois além de ser uma fonte que noticiava o festejo, um documento produzido na época, representa a visão dos idealizadores da festa, tanto do Carnaval quanto da Micareta. O jornal *Folha do Norte* era um dos patrocinadores, sobretudo ideológico da Festa, pois os editores do jornal eram também os organizadores dos festejos carnavalescos em Feira de Santana-Ba.

As reportagens além de um caráter informativo, com cronogramas, datas, anúncios da comissão organizadora, apresentava um discurso de valorização dos festejos; o carnaval festa civilizadora e necessária psicologicamente, na qual os festejos exorcizam as tensões do

cotidiano. Apresentava em seguida a Micareta na qual essas notícias reafirmam a característica de civilizar e ganha outro elemento o de identificação, a Festa como algo inédito que torna Feira de Santana única. A relação entre Carnaval e Micareta acompanha a discussão.

“Mi- Carême”? “Páscoa Carnavalesca”? Não, Micareta!

A escolha do nome da festa apresenta um dos primeiros conflitos nessa passagem de Carnaval para a Micareta. Seu nome deveria ter um significado que atendesse aos interesses de seus idealizadores, cada proposta demonstrava o posicionamento político dos sujeitos envolvidos:

A primeira proposta apontou justamente o nome Mi-Carême, mas a facção de intelectuais opositores aos ‘francesismos’ defendeu a denominação de ‘Páscoa Carnavalesca’, houve, entretanto, a sugestão de uma terceira denominada justamente Micareta (PANORAMA DA BAHIA, 1987, p. 12).

Mi-Carême, que significa meia quaresma palavra de origem francesa, que era usada para denominar uma festa que no período da quaresma em França. Esse nome foi uma proposta lançada pelo jornal *Folha do Norte*. Esse é mais um indicativo de como a construção da festa estava imbuído de um intuito educativo.

Estamos falando da década de 1930, momento onde o pensamento de um ramo da sociedade estava envolto com os ideais modernizadores e de “civildade”, e apesar de uma tentativa de busca dos elementos nacionais, ainda se tinha como a maior referência os modos de vida dos europeus, em especial os franceses. Pois mesmo com as escolhas de elementos ditos nacionais, como a mulata, o samba, mas com os padrões europeus, como modelo de civilização. Por isso o nome de uma festa à brasileira com um nome francês, opção que demarca muito bem o pensamento desse grupo e justifica alguns posicionamentos discutidos mais pra frente.

Porém não se pode tomar esse posicionamento como algo uniforme, isso eliminaria um dos objetivos dos historiadores que é pensar o conflito e como dentro dele as certas estruturas são montadas. Os que defendiam a idéia que a festa pós quaresma se chamasse Páscoa Carnavalesca foram denominados pela imprensa de anti “francesismos”. Pois em defesa de um nome que tinha uma ligação com apropriada estrutura da festa - uma festa momesca, com características idênticas ao carnaval, só que ocorria após a quaresma -

representava uma parcela da população da sociedade feirense, que se opunha a essa apropriação dos parâmetros europeus.

As duas opções de nomes para o festejo citadas não ganharam a consistência de representá-la. A terceira alternativa foi a Micareta, nome que permanece até a data da escrita desse texto. Oriunda da junção de Mi-Carême e a palavra careta: o prefixo “Mi” se junta a palavra “careta”, uma referência as mascaradas que eram utilizadas na prática do Entrudo.

Porém a escolha do nome para oficial da festa não encerrou a questão, o jornal *Folha do Norte*, assume um comportamento contrário, continua a noticiar até a última edição do jornal analisado, 1939, o nome Mi-Carême, nome por eles proposto: “*MICARÊME! MICARÊME! É o grito que se ouvem em todos os lares, nas ruas em todas as bocas!*”... (FOLHA DO NORTE, n. 1546, 1939). Além de continuar a proclamação do nome depois de 2 anos da escolha do nome Micareta, escolhida pela facilidade na pronúncia da população, noticiava a aderência dos feirenses ao nome por eles preterido. Chartier (1990) caracteriza esses conflitos de representação, como sendo tão importante quanto às lutas econômicas na construção de uma sociedade, na qual:

as concepções sociais não são de forma alguma discursos neutros: traduzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outro, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

As propostas de nomenclatura tanto a “Mi-Carême” quanto a “Páscoa Carnavalesca” tinham imbuídos em suas propostas projetos de leitura da festa, e essas leituras estão diretamente ligadas à significação dos festejos carnavalescos e as regras comportamentais que eles ofereciam. Na filosofia do Carnaval tido como civilizado, ocorre uma resignificação dos festejos carnavalesco, antes conhecido como Entrudo. Sobre isso, Maria Clementina Cunha (2001), ao estudar essa transição de significado da Festa no Rio de Janeiro entre o fim do século XIX e o início do século XX, afirma que no século XIX, não havia a separação entre Carnaval e Entrudo, essa separação só passa existir na transição com o século XX, com os ideais de civilização e modernidade.

A Micareta não se apresenta enquanto opositora do Carnaval, ela está dentro da proposta das festividades carnavalescas. Na Micareta ocorre a reafirmação desse ideal, difundido na resignificação do festejo afirmado por Cunha (2001), o de extirpar qualquer elemento que fosse classificado como “bárbaro”, que quase sempre se referia a elementos que remetessem a um passado escravagista, visando uma desfrancização da cidade.

A festa negra, segundo João José Reis (2005) representava medo aos brancos desde a chegada desses sujeitos ao território brasileiro, pois ela era “identificada como domínio exclusivo dos africanos, que promovam a parte da população escrava e liberta mais rebelde da província. Além disso, muitos a considerava obstáculos à europeização dos costumes” (REIS, 2005, p. 10). Esse dado é pertinente ao comportamento repressivo do século XIX. Prática que mesmo após a abolição da escravatura, continua a ser combatida, como afirma Edilece Couto (2004) em seu texto *Festejar os santos em Salvador: tentativas de reformar e civilização dos costumes (1850-1930)*. Na qual o medo não é mais o de revoltas abolicionistas e sim o de um passado no qual a tradição africana poderia ganhar força e representatividade, se opondo ao projeto governista de modernização e civilidade.

Apesar de existir, como já mencionei anteriormente, uma busca pela nacionalidade, elegendo o samba e o mulato como elementos identitários, eles deveriam estar dentro dos parâmetros nacionais: no qual existe um padrão estabelecido pelo grupo governista, que define o que pode ou não representar a nacionalidade, utilizando para isso o discurso da imprensa. Em Feira de Santana, o caso das “Melindrosas” pode ser analisado dentro desta perspectiva; um grupo carnavalesco negras, tendo por ofício lavar roupas, tinha um destaque nessa festa, e não eram impedido de realizarem seus desfiles, um indício forte de que esse grupo, apesar de representar uma classe subalternizada, não feria e nem oferecia riscos à ordem municipal, logo a sua participação era aceita.

Em Feira de Santana, o correm tanto no Carnaval quanto na Micareta a classificação, divisão e delimitação. Classificação da festa, entre o bárbaro e o civilizado, a divisão desses grupos e a delimitação dos espaços, rua e clube, centro e periferia. A tentativa de implantar uma memória que visava a desafricanização tenta sobrepor uma memória própria fruto de uma construção histórica específica estabelecendo padrões e regras de convivência, uma tentativa de negar o conflito.

A imprensa e o poder público nos festejos carnavalescos: ideologias e posicionamentos

A imprensa representa um poder muito grande no que diz respeito a formar opinião, ela cria verdades e a legitima por meio do seu discurso. O Jornal *Folha do Norte*, quanto à criação de uma memória coletiva e romântica da festa, desenvolveu papel fundamental, alegando em suas colunas, que ocupavam um espaço considerável em seu jornal e com destaque em primeira página, a relevância do carnaval, em 1932, quando ainda não se tinha pensado em Micareta:

O carnaval é uma necessidade para todos os povos cultos é válvula de segurança que dá evasão ao milhar de vexames de toda a casta recalçada por trezentos e sessenta e dois dias no seio da colle atividades, evitando explosões ruidosas: é a compensação permitida para todos os males advindos no decurso de todo ano (FOLHA DO NORTE, n. 1178, 1932).

A princípio, em uma leitura mais superficial, parece tratar de uma reportagem que trata do carnaval como algo a parte da realidade cotidiana, uns dias de alívio e descanso das formalidades. Como afirma Bakhtin (1987, p. 17) a carnavalização “revela a presença de um paradigma contrário a tudo que indicasse separação das raízes materiais e corporais do mundo”. Representava o culto aos prazeres da carne sem se preocupar com as regras cotidianas, de certa forma os festejos quebram momentaneamente com algumas estruturas comportamentais, em alguns casos representa uma pausa no cotidiano. Porém dele não é retirado a realidade das relações, os conflitos do cotidiano, as ideologias e posicionamentos construídos historicamente - estes vão para a avenida com os sujeitos que compõe a festa.

Peter Burke (2005), *O carnaval de Veneza, século XII ao XIX*, ajuda a compreender o carnaval dentro dos “jogos” políticos e administrativos. Nesse artigo o autor analisa o comportamento dos nobres no cenário da festa, em uma relação com o povo e a diversão, o carnaval como o tempo do permitido. No qual os senadores, embaixadores assistiam de espécie de camarote real, a permissão dada aos seus súditos de inverter a ordem social, e brincar. Porém apesar de aparentemente livre a festa está inserida dentro de um contexto, que a limita de acordo com os padrões, nela os excessos não são permitidos.

A diversão em feira de Santana, segundo a perceptiva do jornal também deveria ser organizada e participada por pessoas selecionadas. Essa afirmativa pode ser comprovada na mesma leitura do jornal; mais adiante, no mesmo artigo já citado eles afirmam: “separa-se joio do trigo, a cicuta do agrião e a festa do riso será um benefício para o organismo social” (FOLHA DO NORTE, n. 1178, 1932).

Indiretamente sugere que para esse carnaval seja realmente útil para a sociedade feirense seria necessário uma “limpeza” dos tipos de sujeitos inadequados, mantidos sob controle, excluídos da festa.

Além disso, seu empenho na construção da Micareta, como um elemento característico da cidade, foi notável, inclusive com a confecção de um folhetim chamado “Arlequim”, voltado exclusivamente para o festejo momesco, anunciado no próprio *Folha do Norte*, era uma espécie de anexo:

Devemos uma boa noticia aos Srs. Negociantes industriais e quanto desejam divulgar amplamente suas mercadorias e productos, assim como os que deleitando com a leitura leve e amena, recreativa, interessante.

Em commemoração dos futuros folguedos carnavalescos de aprês-carême em abril vindouro, circulará, em breve entre nós e nas localidades, circunjantes, compreendendo vasta zona, uma publicação de feitio elegante em que annuncios e reclames especiais sob mais atraente forma se disseminarão pelo texto desse orgam de propaganda de grande tiragem e que será distribuído gratuitamente (FOLHA DO NORTE, n. 1546, 1939).

Um folhetim que convidavam os investidores para essa empreitada a fim de promover uma Micareta.

Além do papel fundamental da imprensa, aqui representado pelo jornal *Folha do Norte*, a Prefeitura Municipal de Feira de Santana, também se posicionava, mesmo que de forma não institucional, coisa que só ocorre oficialmente a partir de 1968. Mesmo com a criação da micareta em 1937, o carnaval continuou a acontecer no mês de fevereiro. E a prefeitura se posicionava a contribuir com a extinção do carnaval, o Jornal noticiava em 1939: “será um carnaval modesto, durante a qual a Avenida da Alegria não ostentará, como outrora, adequadas decorativas de palmas e bandeiras, nem a iluminação pública terá o costumado acréscimo de gambiarras” (FOLHA DO NORTE, n. 1545, 1939).

Em 1939 o Carnaval ainda existia em Feira de Santana, sendo a Micareta uma espécie de anexo, é como se o Carnaval desse uma pausa, durante a quaresma e retornasse com a Micareta e só depois dela finalizasse o espetáculo carnavalesco. A criação da rodovia em 1932 não representou o fim do Carnaval, ela apenas trouxe um elemento, que foi a evasão de alguns grupos, que preferiram o carnaval de Salvador. Porém, uma parcela da população permanecia na cidade e para esses sujeitos não havia crise carnavalesca.

Aldo Silva (2008), em seu artigo *De terra Sã à Micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana*, afirma que:

a comunidade feirense havia se acostumado a cultivar sua identidade social, o que implica em um forte investimento nos valores e práticas da própria comunidade. Com isso a possibilidade da extinção da festa local apresenta-se como uma agressão a está comunidade (SILVA, 2008, p. 124).

A afirmação, do meu ponto de vista é válida, porém sua leitura sugere uma outra questão: que comunidade é essa tão interessada em fazer com que as festas carnavalescas sejam uma permanência, e que carnaval em este que apresenta os costumes e quais costumes devem ser preservados? Cada grupo que faz parte desse carnaval tem respostas diferentes e por vezes opostas. Os indivíduos são de vários ramos da sociedade e levam suas ideologias

para o âmbito festivo. É nesse contexto que as lutas e os conflitos da festa são estabelecidos. Por isso não podemos pensar comunidade feirense una, que mantém uma identidade cultural festiva.

Outro elemento, a Micareta, não surge como uma substituta do Carnaval, esse é um discurso que se elabora, porém elas chegam a conviver como afirmei no primeiro capítulo e enfatizo agora, o processo não consecutivo: termina o Carnaval começa a Micareta as fontes demonstram isso claramente em 1937, 1938, 1938 ocorreu em Feira de Santana os dois festejos carnavalescos, logo a idéia de Criação da Micareta para não deixar morrer uma identidade festiva é bastante questionável. A princípio Micareta seria um complemento do Carnaval “o nosso carnaval não conseguiu satisfazer. ele apenas esboçou o entusiasmo para a Mi-Carême e esta sim promete abafos” (FOLHA DO NORTE, n. 1547, 1939).

A evasão para o Carnaval de Salvador é significativa porque quem patrocinava o Carnaval era a classe média alta de Feira de Santana, apoiados pelo poder público e pelo Jornal *Folha do Norte*, que era um dos responsáveis por conseguir o maior número de patrocinadores. A busca pelo patrocínio do festejo carnavalesco está presente em praticamente todas as edições do Jornal *Folha do Norte* do período estudado, em uma delas intitulada “*a guiza de appelo*” afirmam:

Todos deveriam concorrer para que elle se realize, com um máximo de brilho(...)todas as classes deveriam em, empenhar-se pelo esplendor do tríduo da folia em seu próprio interesse porque eles iria aproveitar a circulação do dinheiro que se retrais e até se sonega pesar de ser evidente a necessidade da contribuição geral. O commercio, os profissionais do volante, os artistas de vária espécies confeccionadores de vestes e artigos apropriados, além de outros têm compensações vantajosas do que por ventura venham a distender em auxílio às grandes festas locais. A verdade deste assertivo é irrefutável (FOLHA DO NORTE, n. 1125, 1931).

Há um apelo para sensibilizar os feirenses para patrocinarem a festa levantando as possíveis vantagens que ela traria para a cidade e o principal deles é o fator econômico, porém existe indício de que esses benefícios econômicos não representavam uma realidade para os comerciantes “o primeiro carnaval feirense realiza-se em 1925, embora lutando contra um comércio que teima em abrir as portas na segunda e na terça-feira” (AUTOR DESCONHECIDO)¹. Possivelmente a festa aumentava a circulação de dinheiro na cidade, porém para alguns comerciantes lucrarem com isso ele deveria manter seu comércio aberto. O Carnaval

¹ Esse fragmento foi retirado de um documento encontrado no Museu Casa do Sertão de Feira de Santana, porém houve um problema na documentação e não consta o nome do autor. O documento está com outros em uma pasta referente à Micareta de Feira de Santana.

ocorria domingo, segunda e terça-feira. O dia de segunda correspondia aos dias de feira livre, que movimentavam a cidade e fechar as portas representaria prejuízos, nesse quesito o comércio varejista era um empecilho para a micareta.

E com a saída dessas famílias no período carnavalesco, sobravam a prefeitura, que contribuía com a iluminação e a segurança, e o jornal *Folha do Norte*, para arcar com o festejo. O fato da Prefeitura não oferecer a iluminação para o carnaval contribuía ainda mais para o decréscimo da festa, que já sofria com a evasão de algumas famílias importantes no patrocínio da festa, que migravam para o carnaval de Salvador. Dificultava o desfile, e a visualização dos desfiles e a própria segurança dos participantes. Além disso, o próprio prefeito de Feira de Santana, em 1937, Cel. Heráclito de Carvalho fez parte da 1ª Comissão da Micareta, com presidente de honra, como afirma Alencar (1965).

É nesse contexto que a Micareta passa a assumir um espaço de maior visibilidade e representação, pois após a quaresma as famílias que contribuía para os festejos estavam na cidade e poderia participar efetivamente da festa.

A prefeitura, dentro da minha leitura, opta por incentivar a Micareta, pois a sua visibilidade era maior, inclusive pelos outros municípios, a ponto de ocorrerem participações, na forma de carros alegóricos, de outros clubes carnavalescos das cidades vizinhas. E surge, em acordo entre o poder público e a imprensa, a ideia de uma única, e ser o primeiro carnaval fora de época.

Em contraposição a notícia, citada neste capítulo, em 1939 alegando que a prefeitura não colocaria gambiarras no percurso do Carnaval, no mesmo ano se noticia: “A comissão da mi-carême, conjuntamente com o governo da cidade estão empenhados em proporcionar ao povo um espetáculo digno dos povos civilizados desta terra maravilhosa” (FOLHA DO NORTE, n. 1125, 1931).

Considerações Finais

A festa carnavalesca em Feira de Santana é uma temática bastante vasta, ela nos permite diversas análises, esta aqui discutida, sobre a construção ideológica da festa e a teia de significados que ela produz é apenas uma das abordagens possíveis. A escolha de um nome para festa, a princípio pode ser um aspecto simples, mas se aprofundarmos nosso olhar veremos o quanto rico pode ser essa discussão, assim como o posicionamento das correntes ideológicas da cidade, bem como os instrumentos utilizados para a confecção de significados e relevância.

Dentre esses instrumentos de legitimação a imprensa em Feira de Santana teve um papel fundamental nesse processo. O Jornal *Folha do Norte* foi esse representante na cidade, suas reportagens estavam carregadas de significado e estavam posicionados em favor de uma parcela da comunidade feirense defensora do ideal modernizador, que significava a abolição dos chamados costumes “bárbaro”, quase sempre associado às classes subalternizadas.

O estudo da temática da Festa deve ser percebido como um fenômeno histórico e social, pois ela acompanha as transformações de uma época e representam o posicionamento político e ideológico dos sujeitos que a produzem. Dessa forma é possível visualizar dentro da festa as relações conflituosas e estabelecer uma leitura daquela comunidade a qual pesquisa.

Fontes

FOLHA DO NORTE. Feira de Santana, Ano XXII, n. 1125, 1931.

_____. Feira de Santana, Ano XXIII, n. 1178, 1932.

_____. Feira de Santana, Ano XXX, n. 1545, 1939.

_____. Feira de Santana, Ano XXX, n. 1546, 1939.

_____. Feira de Santana, Ano XXX, n. 1547, 1939.

PANORAMA DA BAHIA. Feira de Santana, Ano 4, n. 80, 1987.

DOSSIÊ DO MUSEU CASA DO SERTÃO.

Referências

ALENCAR, Hélder. *31 anos de Micareta*. Feira de Santana: UEFS, 1965.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rebelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: 1993.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

BURKE, Peter. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras F(r)estas*. Campinas: UNICAMP, 2005.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

COUTO, Edilece Sousa. Festejar os santos em Salvador: tentativas de reformar e civilização dos costumes (1850-1930). In: BELLINI, Lígia; SAMPAIO, Gabriela R.; SALES SOUZA,

Evergton (Org.). *Formas de crer. Ensaio de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro (sécs. XIV-XXI)*. Salvador: Corrupio/EDUFBA, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

REIS, João José. Tambores e tremores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras F(r)estas*. Campinas: UNICAMP, 2005.

SILVA, Aldo José Moraes. De terra sã a berço da Micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana. *Revista de História Regional*, v. 13, n. 2, p. 104-133, Inverno 2008.